

ENTREVISTAS COM AGRICULTORES PARA O CÁLCULO DOS RESULTADOS ECONÔMICOS E ANÁLISE TÉCNICA DOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO

Quase sempre, os cálculos para a apuração dos resultados econômicos de unidades de produção agropecuárias são realizados a partir do preenchimento de formulários contábeis (contabilidade agrícola), nos quais são registradas as despesas e as receitas obtidas ao longo do ano. Tal contabilidade, porém, coloca uma série de dificuldades. Em primeiro lugar, a maioria dos agricultores consideram pouco compensatório o minucioso trabalho de registro dos gastos e das receitas exigido pela contabilidade agrícola. Isto não implica, porém, que tais agricultores sejam avessos à análise econômica. Ao contrário, a obtenção de resultados econômicos que possam lhes assegurar certo padrão de vida se constituem, provavelmente, no objetivo maior dos agricultores. No entanto, como muitas vezes são os próprios agricultores que realizam os gastos necessários ao funcionamento da sua unidade de produção, e que vendem os produtos nela gerados, eles são capazes de realizar uma estimativa dos resultados econômicos obtidos nas suas unidades de produção que lhes parece suficientemente precisa. Por esta razão, são raros os agricultores que anotam os seus gastos e as suas receitas. Assim, muitas vezes os cálculos dos resultados econômicos de unidades de produção agropecuárias são realizados a partir do acompanhamento de um técnico que orienta os agricultores na realização dos registros (procurando convencê-los da sua utilidade) ou fazendo-os eles mesmos.

Mais importante do que a resistência dos agricultores em relação à contabilidade agrícola, no entanto (a qual é de ordem meramente operacional), é a variabilidade ao longo dos anos dos gastos e das receitas, o que torna pouco representativo o resultado obtido em um ano agrícola. Além disto, mesmo a média dos resultados de vários anos é pouco representativa, pois as condições de produção ao longo podem mudar qualitativamente, especialmente no que diz respeito às técnicas aplicadas e, sobretudo, ao contexto econômico.

Essas dificuldades podem ser minimizadas pela realização de entrevistas com os agricultores, nas quais o conhecimento é a principal fonte de informações para o cálculo econômico. A obtenção de informações dos agricultores, porém, deve obedecer a uma lógica que assegure que a entrevista mantenha seu foco na análise técnico-econômica do sistema de produção. Esta lógica é construída procurando-se compreender a dinâmica de acumulação de meios de produção (ou de desacumulação) da unidade de produção e suas

consequências sobre a organização do trabalho e o uso de recursos desta, procurando sempre checar a coerência das informações.

Assim, a primeira etapa da entrevista deve ser dedicada a uma (breve) discussão da história da constituição da unidade de produção, ou seja, como o agricultor obteve acesso à terra (herança, compra ou outras formas), como ele obteve os meios de produção de que dispõe (progressivamente? quais foram as etapas mais marcantes, em que condições de acumulação ele ou os seus ancestrais chegaram no local? de onde vieram?), etc.

Em seguida é necessário obter as informações sobre a disponibilidade dos principais recursos como terra, equipamentos, insumos e mão de obra. Em relação à mão de obra se devem obter informações suficientes para estimar o número de Unidades de Trabalho (trabalho de um adulto em tempo integral, ou seja, em torno de 200 horas mensais). No que diz respeito a terra, é importante entender qual é a superfície agrícola útil da UPA e como esta se distribui entre glebas manejadas de forma específica (sistemas de cultura e de criação). Só então é que se pode passar a obter as informações sobre como e com que meios o agricultor conduz suas culturas e criações, de acordo com operações agrícolas realizadas ao longo do ano agrícola, especificando o uso de insumos e equipamentos e os rendimentos físicos obtidos. Embora não seja estritamente necessário quantificar o trabalho aplicado em cada operação, é importante que se obtenham informações suficientes para identificar os períodos críticos de uso dos recursos (“picos” de trabalho e de uso de equipamentos, por exemplo). No caso das produções animais (bovinos em especial), é necessário a obtenção de informações que permitam a estimativa dos índices zootécnicos (mortalidade e natalidade anual, idade de primeira cria, principalmente) para que se possa reconstituir a dinâmica de um rebanho em equilíbrio reprodutivo.

Em linhas gerais este é o raciocínio utilizado para a elaboração de um roteiro de entrevista com agricultores visando à análise dos seus sistemas de produção. É preciso salientar ainda que é preferível correr o risco de obter informações insuficientes e ter que voltar à unidade de produção para completá-las do que obter o “máximo” de dados sem que se saiba exatamente para qual finalidade. Por essa razão, entrevistas para diferentes tipos de unidades de produção demandarão dados diferentes (ou que não serão obtidos na mesma sequência ou interpretados exatamente da mesma forma, etc.), o que torna inútil (e mesmo contraproducente) a utilização de um questionário pré-concebido para as entrevistas.

Roteiro básico para entrevistas para a análise técnica e econômica do sistema de produção

1. Formação histórica da unidade de produção

1.1. Acesso à terra (compra, herança, etc.)

1.2. Meios de produção inicialmente disponíveis

1.3. Acumulação de meios de produção (terra, equipamentos, benfeitorias, rebanho, etc.)

2. Meios de produção disponíveis

2.1. Terra: quantidade e diferenças qualitativas entre as glebas

2.2. Máquinas, equipamentos e benfeitorias

3. Trabalho e relações de produção

3.1. Trabalhadores disponíveis na família (UTF)

3.2. Trabalhadores contratados (temporários, permanentes, etc.)

3.3. Trocas de serviço e outras relações de produção (meia, parceria, etc.)

4. Atividades desenvolvidas (área ou outro indicativo de escala)

4.1. Sazonais

4.2. Temporárias

5. Análise de um ano agrícola

5.1. Operações agrícolas, uso de insumos e equipamentos, necessidades de trabalho e produções obtidas em cada mês.

5.2. Comercialização